

A FORMAÇÃO ÉTICA DO JORNALISTA EM UMA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA

Mariana Frezza Cossa

Elizandra Iop

Resumo

O tema central do presente trabalho remeteu ao questionamento do papel social do jornalista ao exercer sua função profissional e, por meio deste, analisou-se se é possível com todos os empecilhos da função fazer com que a ética exista na prática diária do jornalismo. Trouxe por objetivo compreender a formação ético profissional do jornalista no contexto da sociedade moderna líquida sob a luz da obra de Zygmunt Bauman. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo orientada por uma perspectiva teórica Crítica e nos procedimentos técnicos se utilizou da pesquisa Documental em que foi verificado os Projetos Pedagógicos Curriculares de quatro Faculdades de Jornalismo da região Oeste de Santa Catarina, bem como o Código de Ética do Jornalista Brasileiro. Os resultados obtidos apontam que as disciplinas de Ética das faculdades de Jornalismo e o Código de Ética do Jornalista são frágeis para a formação e atuação da ética profissional em uma sociedade líquida em constante movimento. Os desvios éticos que o jornalista encara no cotidiano precisariam ser entendidos como corriqueiros no mercado de trabalho, conquanto não aceitáveis, seria preciso desenvolver uma desnaturalização ao antiético ainda na formação acadêmica.

Palavras-chave: Formação do jornalista. Ética. Sociedade líquida.

1 INTRODUÇÃO

A questão da ética no jornalismo já é muito comentada e conhecida, entretanto o foco aqui presente remete àquilo que deveria se sobressair ao pensamento do jornalista ao exercer sua função: se é possível com todos os empecilhos da função fazer com que a ética realmente exista na prática jornalística. Ademais, é difícil falar de ética senão pensarmos onde esta ciência aparece primeiramente na vida de um profissional, que é em sua formação acadêmica. O autor que embasou teoricamente o presente trabalho e no qual fomos beber intelectualmente, principalmente nas noções da ética, foi Zygmunt Bauman.

O jornalista formado¹ têm seus primeiros contatos com a ética profissional ainda no ensino superior, durante a faculdade. Na presente pesquisa avaliamos as matrizes curriculares e ementas de quatro (4) universidades e faculdades das regiões oeste e meio oeste do Estado de Santa Catarina, vigentes até o ano de 2019, as quais: Universidade Comunitária Da Região De Chapecó (UNOCHAPECÓ), da cidade de Chapecó, Universidade do Contestado (UNC), de Concórdia, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), de Caçador e Celer Faculdades², da cidade de Xaxim. Sendo três (3) presenciais (UNOCHAPECÓ, UNIARP e Celer Faculdades) e uma com ensino à distância (UNC).

O objetivo da presente pesquisa é compreender as relações da formação acadêmica do jornalista para entender se é possível pensar em uma ética real no jornalismo, dentro da sociedade líquida estudada por Bauman. Como instrumento metodológico utilizou-se de pesquisa de campo documental, orientada pelos Projetos Pedagógicos Curriculares das instituições de ensino e pelo Código de Ética do Jornalista Brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ÉTICA EM UMA SOCIEDADE DE LIQUIDEZ

Zygmunt Bauman foi um sociólogo polonês que, de acordo com Fragozo (2011, p. 109), possuía o intuito em suas obras de “[...] compreender qual a possibilidade de resgatar a ação coletiva pela justiça social no momento em que a modernidade tornar-se cada vez mais individualizada e privatizada [...]”. Bauman engajou-se a explicar essa modernidade, e a definiu

¹ Em 17 de junho de 2009 o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu ser inconstitucional a exigência do diploma de jornalismo e registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício da profissão de jornalista. Não é necessário de diploma em ensino superior para exercer a função de jornalista. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

² A Faculdade de Ciências Sociais – CELER (FACISA/Celer Faculdades) foi recentemente adquirida pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, que assumiu todos os seus cursos e estrutura. No momento de análise, estava sendo levada em conta a instituição como Celer Faculdades, não alterando quaisquer aspectos que ocorreram posteriores à venda.

no período que estamos passando por “modernidade líquida” e “vida líquida”. Em sua obra intitulada “Vida Líquida” de 2005 apresenta a ideia de que a modernidade e a vida líquida estão interligadas, e de que estão inseridas em uma sociedade liquido-moderna, que define por “Uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros num tempo mais curto do que aquele necessário para consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2005, p. 7).

Na vida líquida tudo é efêmero e está baseado nos fins, no desapego, no esquecimento para um “recomeço” eminente e nas relações extremamente individualistas, ou seja, nada é sólido e consistente, tudo seria facilmente substituído e descartável.

Conquanto, Bauman não se dedicou somente à tais questões em seu trabalho sobre modernidade líquida. A ética também surge engajada à temática e como um de seus principais tópicos. Segundo ele em seu livro “Vida em fragmentos: sobre ética pós-moderna” (1995) ao mesmo tempo em que critica os chamados especialistas da ética, ou estudiosos, define a mesma por:

[...] a ética é um código de leis que prescreve o comportamento “universalmente” correto, isto é, para todas as pessoas em todos os momentos. Trata-se daquele comportamento que separa o bem do mal para todos, de uma vez por todas. É por isso que a enunciação de determinações éticas deve ser uma tarefa de pessoas especiais, como filósofos, educadores e pregadores. É também isso que coloca essas pessoas especiais, os peritos em ética, em posição de autoridade sobre as pessoas comuns que vão fazendo as coisas enquanto aplicam as regras informais a que se prendem (muitas vezes sem serem capazes de dizer como elas são (BAUMAN, 1995, p. 18).

O autor citado nos diz então que a ética está subjugada a códigos pré-fabricados por pessoas que se dizem especialistas no comportamento. Aquino (2011, p. 37) em “Ética e moral no pensamento de Bauman” afirma, diante do pensamento de Bauman, que esses códigos não cumprem seu papel de prever tudo na Ética porque nem mesmo eles poderiam conceituá-la. Aquino também diz que a Ética na modernidade surge como um modo de existir um convívio harmonioso entre seres humanos, algo que deve ser seguido para

que não saia-se dos padrões pré-estabelecidos por seus estudiosos (de ética).

Bauman (1995) acredita na incoerência da existência de qualquer conceito ou documento que defina o que é ético ou não, porque as pessoas em seus cotidianos, e até mesmo os especialistas em ética, não consultam códigos de ética para saber se estão cumprindo com suas obrigações morais para com a sociedade.

Notemos que não foi a necessidade de orientação e de confiança das pessoas o que colocou os peritos éticos para trabalhar. A maioria das pessoas, na maior parte das vezes (e isso inclui os próprios especialistas em ética, sempre que fazem uma pausa em suas atividades profissionais e se ocupam de suas tarefas de todo dia), pode operar muito bem sem um código de conduta e sem selos oficiais certificando as propriedades desse código. Na verdade, elas precisam tão pouco do código e de suas autorizações que quase nunca têm a oportunidade de notar sua ausência, da mesma maneira como não percebemos o roubo de artigos domésticos que não usamos (BAUMAN, 1995, p. 18).

A Ética da Modernidade, para Bauman, seria mais do que algo que alguém solicitou a existência. Aquino em seu artigo dialoga com o texto de Bauman ao se perguntar "Será que, na ausência dessas pessoas, não seríamos capazes de descobrir meios acerca de como deveríamos nos portar diante do Outro, de nos caracterizar como 'pessoas verdadeiramente morais e decentes?'" (2011, p. 39). Explicar ética e moral são uma das tarefas mais complicadas e questionadas nos textos de Bauman por sua gama de significados. "A fundamentação racional acerca da Ética é terreno ambivalente porque a sua base é caótica, não pode ser explicada ou contida: bem vindos ao (pantanosos) mundo da Moral" (AQUINO, 2011, p. 40).

2.2 JORNALISMO E ÉTICA: UMA RELAÇÃO FRAGILIZADA

Diante das reflexões acerca da vida líquida e ética de Bauman pode-se agora estabelecer aqui a relação entre os códigos de ética que o autor critica com o exercício profissional do Jornalista, que está subjogado ao uso de seu código de ética. A ética para um jornalista é um fundamento

indispensável, mas a visão da necessidade do Código é plausível?

No jornalismo o código de ética é conhecido desde os primeiros meses de aula de um futuro jornalista na faculdade e é levado durante toda sua carreira. O "Código de ética dos jornalistas brasileiros" teve sua última edição escrita pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) no ano de 2007 e possui cinco capítulos, respectivamente: Capítulo I - Do direito à informação; Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista; Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista; Capítulo IV - Das relações profissionais; Capítulo V - Da aplicação do Código de Ética e disposições finais.

O presente código foi escrito por jornalistas, nesse caso dotados de conhecimento da profissão e não fundamentalmente em ética, contudo, a ética pautada no código é quase que um manual de instruções de como se portar moralmente diante da profissão jornalística. Ademais, o problema surge quando o exercício diário de fazer jornalismo está sujeito a todo instante a quebra das leis tão milimetricamente pensadas. Bauman (1995) estaria certo então ao afirmar que os especialistas ditam regras morais à sociedade sem que a mesma tenha condições de cumpri-las. "Isso também significa que a necessidade de especialistas em ética depende pouco, se é que depende, de quanto os peritos possam ou não cumprir sua promessa" (BAUMAN, 1995, p. 20)

Desta forma o jornalista mesmo que sempre sujeito a quebra de seu código de ética, teria de entender todas as razões que levam a essa ruptura, tais como o veículo de comunicação que está inserido, a obtenção de informações, liberdade de expressão e opinião e tantos outros. O conhecimento desses motivos seria o primeiro passo para conseguir exercer a profissão da forma mais ética, ou moral.

Conforme Hauptmann (2010), um fator importante para entender os "desvios éticos" do jornalista é a atividade jornalística como um mercado. A competição entre veículos de comunicação prejudicaria o trabalho jornalístico, ao passo que, ao priorizar as vendas comerciais e a produção exagerada de notícias, enxuga as suas redações. O resultado disso são jornalistas com incontáveis pautas diárias e pouco tempo de produção. Sem

terem tempo de preocupar-se com dilemas éticos e para garantirem seus empregos, se agarram à técnica. Se estão presos à técnica, fazem da forma mais rápida que podem e assim não respondem a todas as perguntas necessárias para que o leitor/ouvinte entenda a mensagem, sendo assim, se não passam todas as informações, estão deixando quem precisa delas, desinformados, partindo assim para uma prática não ética. A técnica, para Hauptman, corrompe os princípios éticos do jornalista (HAUPTMANN, 2010, p. 6). Apresenta-se aqui um dos principais desvios éticos do jornalista: não cumprir com seu papel de informar.

Wonsovicz pode explicar tais desvios éticos como fruto de uma alienação causada pelo grande progresso científico e tecnológico que colocou o homem como segundo plano. Assim, o homem se transformaria também em uma mercadoria, onde o dinheiro, a produção, a posse e o consumo são valorizados acima de qualquer valor que dê "humanidade" às ações do mesmo (WONSOVICZ, 2001, p. 82). Tais fatores citados estão atrelados à sociedade líquida de Bauman, onde o ter está acima do ser. Reafirma-se, então, que um dos principais problemas morais do jornalista se encontra no mercado. Fazendo não mais que seu trabalho, atrelando-se somente a técnica e com pressão para produções exageradas de notícias diárias, o jornalista perde a essência de sua profissão.

Essa situação também é comentada por Wonsovicz, e seria o que ele chama de "coesão externa": quando há uma pressão para que a pessoa faça algo contra sua vontade. "A coesão externa é uma pressão que leva a pessoa a perder o controle dos seus atos e não poder decidir livremente" (WONSOVICZ, 2001, p. 64). Neste caso, podemos dizer que a coesão externa do jornalista seria o mercado, que "obriga-o" a realizar práticas que saberia serem erradas para manter-se no sistema. Porém, o jornalista, quando se assume como prestador de serviços à sociedade tem sua responsabilidade moral para com ela.

Essa grande vontade de lucrar, vender e obter audiência da mídia pode manchar a credibilidade jornalística e até mesmo arruinar a vida de terceiros. Um caso muito conhecido em que houve a interferência da mídia

foi o do sequestro seguido de assassinato de Eloá Cristina Pimentel no ano de 2008. A imprensa, sobretudo a televisão, acompanhou o caso desde o início, interferindo de todas as formas possíveis, inclusive ligando incessantemente em rede nacional para Lindemberg Alves, o assassino e ex-namorado de Eloá.

Essa interferência gerou em Lindemberg um sentimento de estrelismo, que fazia com que ele gostasse da fama e prosseguisse com o sequestro. No dia 17 de outubro de 2008, a polícia entrou no apartamento em que a garota estava sendo mantida e Lindemberg a matou. Tudo transmitido ao vivo pela televisão. A vida de Eloá foi comprometida no momento em que a mídia exerceu uma influência negativa em seu sequestro, repórteres e apresentadores interviram nas negociações e fizeram com que o assassino se sentisse bem com que estava fazendo – muitas das reportagens feitas comentavam o quanto Lindemberg era “um bom homem” e que tudo que estava fazendo era por “amor”. O documentário “Quem matou Eloá?”³ (2016) de Lívia Perez, faz essa análise detalhada da cobertura midiática e a espetacularização no feminicídio de Eloá, com comentários de especialistas. Esse, como muitos outros casos, demonstra de que forma os desvios éticos dos jornalistas podem interferir fortemente na sociedade. Mesmo que forçados por seus veículos de comunicação, nesses casos, o jornalista deveria assumir sua responsabilidade moral.

Ademais, a ética no jornalismo não pode ser discutida fora das relações entre jornalistas, empresas jornalísticas, sindicatos de jornalistas e o público (ANTUNES, 2010, p. 7). Portanto, existem problemas e questionamento ético em todos os setores em que o jornalista está inserido e nas relações profissionais que estabelece. Hauptmann, expondo o pensamento de Bucci, comenta que a ética em sua essência não é baseada nas “generalidades superficiais dos códigos de ética” (2010, p. 5) e sim, que é necessária para que o jornalista possa atender a sociedade com um jornalismo correto (BUCCI, 2000 apud HAUPTMANN, 2010, p. 5).

³ **QUEM matou Eloá?** Direção: Lívia Perez. Produção: Fernanda De Capua. 2015. Duração: 24 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4lqlaDR_GoQ>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

2.3 A FORMAÇÃO ÉTICA DO JORNALISTA: ANÁLISE DE EMENTAS ACADÊMICAS

Entendemos que o jornalista que passa pela faculdade necessita de uma formação ética suficientemente adequada para que exerça seu papel eticamente sem a necessidade de um Código de Ética para guiá-lo.

Assim, para investigar como está ocorrendo essa formação, selecionamos quatro universidades e faculdades das regiões Oeste e Meio Oeste do Estado de Santa Catarina, para, ao menos, saber como se dá essa formação ética dos futuros jornalistas que, muito provavelmente, atuarão em seu próprio Estado e Região. A análise se dá com base no questionamento da eficácia dessa formação para atuação jornalística em uma sociedade liquido-moderna.

As ementas analisadas compreendem as seguintes universidades: UNOCHAPECÓ, UNC, UNIARP e Celer Faculdades. Os cursos ofertados têm duração de quatro (4) anos na categoria Bacharelado.

Quadro 1 – Disciplinas de ética ofertadas pelas universidades

Instituição	Disciplina	Semestre	Créditos	Carga Horária
UNOCHAPECÓ ⁴	Ética em Jornalismo	6º	2	40h/a
UNC ⁵	Ética e Legislação em Jornalismo	6º	4	60h/a
UNIARP ⁶	Legislação e Ética do Jornalismo	7º	-	60h/a

⁴ UNOCHAPECÓ. **Jornalismo**. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/jornalismo>> Acesso em: 04 de set. de 2018.

⁵ MATRIZ CURRICULAR. **Jornalismo UNC**. Disponível em: <https://www.ead.unc.br/admin/_lib/file/docmatriz_curricular/Matriz%20Curricular%20Jornalismo.pdf> Acesso em: 04 de set. de 2018.

⁶ UNIARP. **Documentos Jornalismo**. Disponível em: <<https://www.uniarp.edu.br/home/ensino/graduacao/campus-cacador/comunicacao-social-jornalismo/matriz-curricular/>>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

Celer ⁷	Ética e Legislação Jornalística	5º	2	36h/a
--------------------	---------------------------------	----	---	-------

Fonte: a autora.

Num primeiro momento de análise compreendemos que as denominações do componente curricular são iguais ou semelhantes, em nenhuma das universidades o componente curricular é ofertado durante os dois primeiros anos de formação e é só nas cargas horárias que há uma pequena divergência. UNC e UNIARP oferecem 60 horas de aula, enquanto UNOCHAPECÓ e Celer Faculdades contemplam praticamente metade disso, 40 e 36 horas. Nestas questões é importante percebermos que a formação insuficiente e tardia pode prejudicar o estudante e também o mercado.

Todas as universidades e faculdades analisadas não são públicas, e sim comunitárias e ou privadas, ou seja, necessitam do pagamento de mensalidades, assim, se o estudante não possui ajuda financeira – seja por parte dos familiares ou por meio de bolsas de estudo –, precisa trabalhar. Muitas das vezes o futuro jornalista, em busca de experiência, começa sua prática ainda nos primeiros semestres de faculdade, aliando estudo com trabalho. Ou seja, ele entra para o mercado de trabalho antes mesmo de ter uma noção completa de seus deveres éticos.

É notável que o assunto “ética jornalística” é discutido frequentemente dentro do ambiente acadêmico, porém, sendo algo complexo e delicado o necessário seria encontrar-se matérias ligadas à ética ainda nos primeiros semestres de formação, sendo que o contato com o mercado é praticamente inevitável em uma modernidade-líquida, sabendo que, normalmente, o indivíduo que não se destaca e não possui experiência tem dificuldade em encontrar um espaço no mercado de trabalho. Temendo “ficar para trás” em uma sociedade que depende da mudança e avanço constante, o futuro jornalista procura por suas primeiras experiências, com

⁷ CELER FACULDADES. **Currículo Jornalismo.** Disponível em: <http://www.celer.com.br/cursos/jor/grade_jor.pdf>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

uma frágil formação ética e correndo o risco de cair em armadilhas antiéticas, sem saber como lidar com as mesmas.

Em um segundo momento de análise, seguimos com as ementas dos componentes curriculares e autores presentes em suas bibliografias obrigatórias.

Quadro 2 – Dos componentes curriculares

Instituição	Ementa	Bibliografia Básica
UNOCHAPECÓ	Teorias de ética e a relação quanto à moral. Deontologia do jornalismo e a ética jornalística. O interesse público, os procedimentos profissionais e as normas estabelecidas pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.	BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 245 p. ISBN 853590056X CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no jornalismo. São Paulo: Contexto, 2008. 121 p. ISBN 9788572441803 (broch.).
UNC	Noções constitucionais e de Direito relativas à Comunicação e informação. Legislação de Comunicação Social e Propaganda. Lei de imprensa. Leis de proteção à produção intelectual. Direito autoral e responsabilidade em conteúdos na internet. A questão ética. A Ética da comunicação e da informação. O Código de Ética do Jornalismo e da Publicidade.	BAGDIKIAN, Ben. O monopólio da mídia. São Paulo : Scritta, 1993. BARBOSA, R. A imprensa e o dever da verdade. São Paulo : EDUSP, 1990. KARAM, Francisco José. Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
UNIARP	Noções constitucionais e de Direito relativas à comunicação e ao jornalismo. Legislação da Comunicação Social e do Jornalismo. Lei de imprensa. Leis de	-

	proteção à produção intelectual. Direito autoral e responsabilidade em conteúdos na internet. A questão ética. A Ética da comunicação e da informação. O Código de Ética do Jornalismo.	
Celer	A ética e suas concepções teóricas. A abordagem histórica e prática sobre o Código de Ética do Jornalista. A regulamentação da atividade profissional e os conflitos éticos percebidos no mercado e na realidade regional. Direitos Humanos. Educação ambiental.	CAMARGO, Marculino. Fundamentos de ética geral e profissional. Petrópolis: Vozes, 1999. KARAM, Francisco José. Jornalismo, ética e liberdade. São Paulo: Summus, 1997. SILVA, Josué Cândido da; SUNG, Jung Mo. Conversando sobre ética e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1995.

Fonte: a autora.

Percebemos nas ementas divergências em relação à linha de estudo. Nas ementas da UNC e da UNIARP os estudos estão voltados mais a legislação e às leis ligadas a ética do que à profissão e nos desvios éticos do jornalista – que seriam assuntos importantes que mereceriam foco dentro do espaço acadêmico. Já nos cursos da UNOCHAPECÓ e da Celer Faculdades a ementa é mais alternativa e contempla assuntos pertinentes à modernidade, como o interesse público e os desvios éticos na prática profissional. Porém, essas são as mesmas instituições que oferecem uma carga horária reduzida em relação as demais. Mesmo que mais completas no sentido atrativo, oferecem um tempo de formação reduzido, sabendo que são os únicos componentes curriculares dos cursos ligados diretamente com a formação ética.

Bahia e Rigueira (2009) entendem que o graduando precisa de um espaço demarcado para a formação ética, mas que o mesmo não seja

ligado somente a um componente curricular. "Disciplinas de práticas também devem englobar situações nas quais os alunos seriam forçados a pensar valores morais e, conseqüentemente, aguçar sua postura ética" (BAHIA; RIGUEIRA, 2009, p. 124).

Assim, podemos apontar que os cursos que formam os futuros jornalistas destas regiões Catarinenses oferecem a oportunidade de uma formação ética, mas que a mesma possui falhas no sentido de aplicação com a realidade profissional e seus dilemas. Bauman contempla a ética como um complemento do pensamento moral do indivíduo, desta forma, ensinar ética de uma forma burocrática, ligada a leis, no jornalismo precisa ser pensado com um certo cuidado. O jornalista precisa se formar moralmente e precisa de instrumentos teórico práticos para que alcance que se aproprie de uma moral justificadora para o bem social. A didática, a ementa e o tempo dos componentes curriculares que tratam somente sobre a ética necessitariam de ampliação no sentido didático, é preciso que o graduando pense na ética com orientadora de sua vida profissional de forma íntegra e coerente com os preceitos para a civilidade da sociedade moderna, não somente como um conteúdo a ser estudado.

3 CONCLUSÃO

Através dos estudos sociológicos de Bauman, entendemos a ética como instrumento que orienta a moral social e que, segundo o ele é de pouco valor se baseada somente em Códigos de Ética. Percebemos que de acordo com nosso problema de pesquisa, os Códigos de Ética do Jornalista, por si só, não salvam o jornalismo dos dilemas éticos que afligem o mercado da comunicação a todo momento.

A sociedade líquida é contemplada por um mundo cada vez mais consumista e individualista, que se modifica constantemente e preza pela produção constante. Assim, nada mais difícil do que formar um jornalista com pensamento crítico reflexivo a ponto de perceber que o jornalismo deve cumprir com seu dever de informar e que qualquer desvio causado pela

pressa, produção excessiva ou o anseio pelo “furo” de notícia, pode comprometer todo um ciclo de credibilidade que o público deveria ter no jornalismo. Desta forma, o acadêmico precisa de uma formação que lhe prepare para enfrentar os possíveis desvios éticos que pode vir a enfrentar e que jamais estes desvios sejam naturalizados pela prática profissional.

Por meio das análises compreendemos que os componentes curriculares de Ética nos cursos de jornalismo do Oeste e Meio Oeste Catarinense ainda precisam ser reavaliados, no sentido de carga horária, semestre ofertado, ementas e didática, para que o jornalista pense na ética como algo fundamental para si sua formação humana e não somente profissional. A ética no jornalismo não é necessária somente para livrar o profissional de problemas legais e sim, para que ele cumpra seu dever com a sociedade de forma digna.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Marco António. **Ética da comunicação e ética da informação:** teoria sistemática. 2010.

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. Ética e moral no pensamento de Bauman. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v 1, n. 2, julho. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1580>>. Acesso em: 03 de fev. de 2019.

BAHIA, Ana Lúcia Alves; RIGUEIRA, Mariana Rigueira Carlos. A ética e o ensino de jornalismo. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. p. 116-125.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2011.

_____. **Vida Líquida.** 2. ed. rev.: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CALDAS, Maria das Graças Conde. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Revista Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 27, n. 44, 2005.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais,** Pelotas, v.1, n. 1, p. 109-124, março. 2011.

HAUPTMANN, Claudemir. **O indivíduo, a técnica e um vazio ético no jornalismo**. BOCC: Biblioteca on-line das ciências da comunicação. 2010. Disponível em: < http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1830> Acesso em: 04 de set. de 2018

QUEM matou Eloá? Direção: Lívia Perez. Produção: Fernanda De Capua. 2015. Duração: 24 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4lqlaDR_GoQ . Acesso em: 04 de set. de 2018.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Supremo decide que é inconstitucional a exigência de diploma para o exercício do jornalismo**. 17 de jun. de 2009. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>. Acesso em: 04 de set. de 2018.

WONSOVICZ, Silvio. **Aprendendo a viver juntos: investigando sobre Ética**. Sophos, Florianópolis, 2001.

Sobre o(s) autor(es)

¹ Acadêmica do 8º semestre de Jornalismo da FACISA/UNOESC Xaxim, bolsista UNIEDU/FUMDES, Artigo 171, do Governo do Estado de Santa Catarina. E-mail: mariana.cossa@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais e mestre em Educação; professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: elizandra.iop@unoesc.edu.br